

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NAS AULAS DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: PARA QUE AUSCHWITZ NÃO SE REPITA

Guilherme José Schons ¹
Caroline Rippe de Mello Klein ²

A pesquisa que apresentamos é produto de práticas de ensino e reflexões desenvolvidas a partir do Programa de Residência Pedagógica (PRP) do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim/RS. Na escola foco de ação, localizada na região central de Erechim, eu tive a chance de me preparar e praticar a regência no Ensino Fundamental. Em contato com o professor preceptor, combinei um trabalho com os nonos anos a respeito da Segunda Guerra Mundial – tratando de imperialismo, nacionalismo, pós-guerra/entreguerras, violência, conflitos atuais –, conteúdos definidos como “objetos de conhecimento” na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Entendemos que educar sobre a guerra é uma tarefa complexa e difícil. Ora, falar sobre a Segunda Guerra Mundial não poderia se restringir à alusão ao Tratado de Versalhes como potencializador do nacionalismo como causa para a consolidação do nazifascismo e a formação de dois blocos antagônicos que protagonizariam batalhas apreendidas como inevitáveis em uma história linear e homogênea. Em que pese o estudo dessas questões relativas à deflagração do conteúdo ser indispensável, não queríamos terminar por aí: gostaríamos, assim, de nos referirmos às pessoas que sofreram e resistiram, às suas produções e memórias – indo além, à violência que abarca o presente dos educandos, ou seja, os passados sensíveis que não passam (PEREIRA, SEFFNER, 2018).

Nesse caso, naquilo que se relaciona aos referenciais teórico-metodológicos que influenciaram a minha intervenção, podemos citar dois blocos de autores. Inicialmente, me servi das proposições da professora Isabel Barca (2004) relativas ao planejamento e à execução de uma “aula-oficina”. Em certo sentido, a autora se aproxima de Paulo Freire (1996), uma vez que o patrono da educação brasileira defendia uma educação libertadora que partisse do senso comum ao saber elaborado – a leitura da palavra – pela via da problematização da realidade do cenário do educando. Barca advogará pela conceitualização dos alunos como agentes dos seus próprios conhecimentos, onde eles são desafiados a

¹ Graduando do Curso de História – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim, guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br;

² Professora orientadora: Doutora em História, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim, caroline.klein@uffs.edu.br.

participar da produção das aulas por meio da elaboração de diversos produtos (os quais deveriam ser considerados na avaliação).

Contudo, retornando à complexidade sobre tratar de guerra e paz em sala de aula, foi necessária outra seção de pensadores para nos fundamentarmos teoricamente no exercício da docência. Em suas teses sobre o conceito de história, Walter Benjamin (1987) defende que não há monumento da cultura que não seja também da barbárie – o que abre brecha à necessidade de desviarmos desse processo de transmissão cultural em prol da chance de escovarmos – na educação, no ensino – a história a contrapelo. À luz disso, não nos concentramos em tratar de heróis onde não há honra, tão somente violência e resistência por parte dos vencidos – pensados, então, não como blocos/alianças, mas sim enquanto a classe combatente e oprimida levada ao campo de batalha pelo capitalismo descrito por Benjamin, bem como pela social-democracia convicta em uma experiência de tempo vulgar e linear em que a revolução seria uma inexorabilidade do futuro.

Não parando por aí, outra autora foi essencial em minha postura. Saidiya Hartman (2020) nos desafia à tentativa de reparo da violência do arquivo (das omissões e esquecimentos da historiografia). Como podemos nos aproximar das histórias de soldados, trabalhadores, mulheres, idosos e crianças que participaram da Segunda Guerra Mundial? Cientes da exigência de busca e compartilhamento de tais documentos em sala de aula, não nos enganemos: muitas vezes o que temos registrado sobre essas pessoas está restrito aos seus encontros com o poder, o que representa um esboço insuficiente de sua existência (FOUCAULT, 2003). Como apreender essas vidas quando o arquivo é uma sentença de morte (HARTMAN, 2020) – ou seja, um monumento da cultura e da barbárie (BENJAMIN, 1987)?

Uma possibilidade apontada pela autora é a fabulação crítica. Sem cometer mais violência na narração – e no trabalho em sala de aula – busca-se uma contra-história do mundo, uma história a contrapelo, onde possamos contar histórias com esforço na representação das vidas dos sem nomes e dos esquecidos, em considerar a perda e respeitar os limites do que não pode ser conhecido. Desse jeito, nossa intenção não é dar voz aos vencidos (o que não seria mais possível), mas antes imaginar o que não pode ser verificado e considerar as vidas precárias que são visíveis apenas no momento de seu desaparecimento.

No que se relaciona às fichas de trabalho desenvolvidas, de imediato, o residente pôde se apresentar aos educandos e aludir aos conteúdos que seriam estudados, bem como à metodologia a ser empregada. Em seguida, foram estabelecidas três problematizações por meio da projeção de fontes: 1) papel das mulheres na guerra; 2) cobertura desigual da mídia e ocultamento da influência das potências imperialistas em conflitos; 3) violência permanente

no Brasil. Logo após, considerando que a cidade de Erechim possui, em suas áreas centrais dois símbolos da guerra – um tanque exposto na Praça Boleslau Skorupski e um avião já usado pela Força Aérea Brasileira (FAB) na Praça Jayme Lago, foram averiguadas as ideias tácitas (BARCA, 2004) dos educandos sobre tais monumentos. Em linhas gerais, havia, na leitura de mundo dos alunos, uma dificuldade de perceber o horror da guerra – prevalecendo uma noção positiva e ufanista do conflito.

Diante disso, definiu-se ser necessário o recurso à sensibilização dos educandos pela via da empatia histórica. Para isso, entendemos a história local como campo privilegiado de articulação do conhecimento de experiência feito (FREIRE, 1996) ao tema a ser investigado. Inclusive, julgamos que a inserção de tal perspectiva nos diferentes níveis de ensino desenvolvidos na escola fomenta uma conjuntura de reconhecimento e estímulo à curiosidade entre os discentes. A partir desse quadro, há a construção de uma maior consciência política, o que acarreta no reconhecimento da memória do município e, por conseguinte, problematização do patrimônio histórico e da cultura. Afinal, segundo Alves (2014, p. 70), “a História, sempre num quadro curricular o mais interdisciplinar possível pode e deve cumprir a função social e individual de inserir os jovens nas heranças culturais das comunidades em que vivem”.

Com isso, optou-se por produzir momentos que servissem ao propósito de interpelar a visão nacionalista que prevalecia nos alunos ao observarem um tanque de guerra. Isto é, queríamos nos contrapor à ideia de que possa haver alguma honra na guerra. Assim, nos aproveitamos de dois materiais articulados às experiências de “pracinhas” da região que participaram da Força Expedicionária Brasileira (FEB) – ambas oriundas do trabalho do Museu Municipal Irmã Celina Schardong, de Gaurama (cidade próxima a Erechim). Em um primeiro momento, reproduzimos a palestra proferida na X Semana Acadêmica do Curso de História da UFFS – *Campus* Erechim com a representação da coordenadora da instituição, professora Gladis Helena Wolff, egresso do Curso que trabalha no espaço e filha de sobrevivente dos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial (o senhor Wasclavo Szczepanik). A gravação do evento está disponível no Youtube, com acesso público, no seguinte link: https://www.youtube.com/live/nZmc3_V8omg?si=GxN63wnw3qGN5f-u.

Na sequência, trabalhamos com a leitura e análise de trechos de cartas escritas por Ignácio Kaszewski e que relatavam o horror da Segunda Guerra Mundial. Registra o documento, disponível no referido Museu:

Embarque do Brasil de Passo Fundo dia 25 de dezembro para o Rio de Janeiro. Chegamos em Rio dia 29 do corrente mez, fomos a visita medica dia 1º de janeiro de 1945 para exame de sangue nos seguintes dias tomamos diversas injeções passamos mais de um mez em Rio embarque para Itália dia 6 de fevereiro destaquemos de trem especial ao porto aonde passamos para o navio saímos horas 1 hora do dia 6 do corrente Mez do depósito da FEB. Navio desencostou do porto dia 8 de 2 as 6 horas da manhã seguimos para as hondas do mar chegamos na Itália dia 23 ficamos 8 dias em Nápolis de lá levamos mais 4 horas de viagem de caminhão até o depósito aonde teve o acampamento que tomamos instrução até o mez de abril dia 15 de abril fomos escalados para o frontt chegamos as 2 horas da tarde aguardamos um Domingo em prontidão 14 do mesmo mez bem ficamos 4 dias em Monteze após grandes ruidos de fogos de Infantaria Artilharia e assim fomos destacando os tedescos de moro em moro até o lugar de Calcio Aonde que se travou grandes combates o qual foi o nosso deslocamento. Tivemos feito 7 mil prisioneiros com prazo de 24 horas após aquelles travados combates depois fizemos grandes deslocamentos para o Norte passamos diversas paises chegamos até a Cidade de Casat La que nós enseramos a grande guerra que term traido o mundo ficamos mais 5 dias e voltamos para a Cidade de Alexandria aonde ficamos acampado até o deslocamento a outro destino Quartelão tedesco que nos ocupamos ai so nos estamos para o qualquer destino Partimos de Alexandria dia 19 de 6 as 2 horas da madrugada viemos de caminhão até Bolonha chegamos horas 11 do mesmo e após pegamos trem horas 2. Viajamos 2 dias chegamos em Roma dia 21 as 5 horas. Partimos as 7 Á Napolis chegando em Nápolis 22 as 7 horas da Manha do mesmo ficamos acampados 22-6-1945.

Acampamento em Francolise. Navio General Almeida Deslocamento de Francolise dia 11 para embarque no porto de Napolis navio Mariposa desencostou do porto as horas 4 do mesmo dia 11-8-1945.

Chegada para o Brasil: O Navio Mariposa atracou no porto no dia 22 as 10 horas da Manhã. Após o desembarque pegamos trem para seguir para Vila Militar chegamos horas 5 da tarde.

Cheguei em Balisa no dia 18-9-1945 com destino do Rio. (sic).

Sem dúvidas, os educandos, organizados em torno de uma comunidade engajada de aprendizagem (hooks, 2013) ao longo das aulas, conseguiram se apropriar do conteúdo da Segunda Guerra Mundial e forjar elementos em defesa da paz – afirmando que não há honra na guerra. Aproximamo-nos, portanto, da primeira de todas as exigências para a educação: que Auschwitz não se repita (ADORNO, 2011).

Palavras-chave: Ensino de história; Ensino fundamental, PRP, Segunda Guerra Mundial, Violência.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no âmbito da edição 2022-2024 do Programa de Residência Pedagógica (PRP).

Ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) pela atual bolsa no Grupo Práxis do Programa de Educação Tutorial (PET).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

ALVES, Luís Alberto Marques. **A História local como estratégia para o ensino da História**. 2014. 72 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ensino de História e Geografia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8786>. Acesso em: 10 set. 2023.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, p. 131-144, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: estratégia, poder-saber, volume IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 24 dez. 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 02 jul. 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 14-33, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/427>. Acesso em: 23 abr. 2021.

FONTES

AULA aberta “História Pública e seus diálogos necessários” 04/10/2022. Erechim: TV Fronteira UFFS, 2022. (131 min.), son., color. Disponível em: https://youtu.be/nZmc3_V8omg. Acesso em: 10 set. 2023.

Museu Municipal Irmã Celina Schardong. Diário de Vivências da 2ª Guerra Mundial – Ignácio Kaszewski.